



Prática Jornalística na Agência de Jornalismo da UEPG¹

Carlos Alberto de SOUZA²
Paula Melani ROCHA³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR

RESUMO

Retrata-se neste artigo a importância da prática jornalística nos cursos de Jornalismo e foca-se atenção na Agência de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O objetivo é mostrar que o setor tem contribuído para a formação profissional dos acadêmicos, permitindo a prática profissional antes mesmo da conclusão da graduação. Os alunos têm se envolvido em várias tarefas na agência, dentre as quais produção de vídeos, releases, entrevistas, edição e diagramação, informativos. As atividades são acompanhadas por professores e revelam o seu caráter pedagógico. O propósito da investigação é demonstrar, por meio de pesquisa bibliográfica, depoimentos de acadêmicos e entrevistas com professores que tal experiência tem se constituído em importante espaço para a prática do jornalismo por parte dos alunos que legalmente são impedidos de estagiarem em empresas de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: agência de jornalismo; prática jornalística; cobertura; produção jornalística.

EPISTEMOLOGIA E PRÁTICA JORNALÍSTICA

O processo de globalização transformou a face do mundo e apontou para novas conexões comunicacionais, articuladas por redes de computadores. O surgimento da internet e de novos dispositivos de comunicação permitiram maior interrelacionamento entre as pessoas, povos e culturas. Este fenômeno favoreceu encurtar as distâncias e o tempo favorecendo a interconexão mundial, especialmente com o processo de aperfeiçoamento dos meios de comunicação e, simultaneamente, a troca de informações locais, regionais e internacionais. Sem dúvida está é uma das principais marcas do

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Doutor em Ciência Humanas pela UFSC, com mestrado em Comunicação pela UFRGS. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG.

³ Doutora em Sociologia pela UFSCar. PhD em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa. Pesquisadora Colaboradora do LABJor/UNICAMP e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG.



processo de globalização, ou como outros chamam de processo de mundialização ou globalização cultural. A maioria das sociedades contemporâneas pode ser considerada centrada e dependente da mídia para construção do conhecimento público, o que possibilita a tomada de decisões - mais do que da família, da escola, igrejas, sindicatos e partidos políticos (PEZZO, 2008).

O objetivo deste artigo é refletir sobre o jornalismo na contemporaneidade, focando especificamente o ensino do jornalismo no Brasil, como se processa a construção do conhecimento do jornalista e a importância das atividades de extensão na formação do profissional. Propõe-se discutir a relação entre epistemologia e prática: como as novas tecnologias e práticas geram a produção de conhecimento; analisar a importância do ensino sistemático e institucionalizado no jornalismo e, por último, desenhar uma perspectiva das atividades de extensão na formação do jornalista. Neste estudo, tomando em conta a discussão teórica sobre o tema, faz-se uma análise da produção da Agência de Jornalismo do Departamento de Comunicação, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Este projeto de extensão, somado a outros desenvolvidos no curso de Jornalismo da UEPG, tem como finalidade garantir aos estudantes o desenvolvimento de atividades práticas e o comprometimento social, sem descuidar das reflexões teóricas que envolvem as produções neste campo do conhecimento. (Carlos eu mudei o tempo verbal se concorda)

Para dar conta deste trabalho, optou-se, metodologicamente, por três etapas. A primeira envolveu pesquisa bibliográfica. O segundo momento privilegiou a aplicação de questionários e entrevistas junto aos alunos (bolsistas e voluntários) e pesquisadores da agência e, a terceira etapa, compreendeu a organização e interpretação de dados obtidos no questionário e nas entrevistas com os profissionais que integram o projeto de extensão.

A pesquisa se justifica por colocar em “pauta” a formação acadêmica e por demonstrar a importância do desenvolvimento de atividades de extensão na graduação, especialmente aos alunos de jornalismo que, por impedimento legal, não podem fazer estágios nas empresas de comunicação. Resta então à universidade propiciar experiências práticas, por meio desses projetos, para que o aluno se sinta seguro, depois de formado, a ingressar no mercado de trabalho e a fazer reflexões sobre suas próprias produções, contribuindo assim para o aprimoramento do fazer jornalístico.

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA



O jornalismo contemporâneo iniciou no século XX uma fase de grandes transformações, motivadas não apenas pela introdução de novos meios de comunicação, mas também pela queda de regimes não democráticos, pelas características da sociedade de massa e pelo desenvolvimento de novas tecnologias. As distâncias de tempo e espaço tornaram-se mais flexíveis na comunicação. No século XXI, a troca de informações seja de âmbito local, nacional ou internacional tornou-se um dos grandes atributos da sociedade global, ou da sociedade em rede. O jornalismo e a sociedade estão ligados. Os meios de comunicação exercem papel fundamental na dinâmica dessa sociedade e o jornalismo está inserido ativamente neste contexto, ao informar as pessoas sobre os acontecimentos. De acordo com Bourdieu (1997), o jornalista é um funcionário da humanidade, sua função é manter a sociedade informada. Para Neveu (2005, p.115), o jornalismo, em muitos países, desenvolveu-se de forma excepcional nos últimos vinte anos:

O desenvolvimento da tecnologia no interior das redações e a chegada do multimídia redefiniram as competências profissionais, ameaçando banalizar o jornalismo num *continuum* das profissões da comunicação. A escalada dos imperativos comerciais no seio dos grupos de comunicação social fragilizou a autonomia do trabalho jornalístico. Estas evoluções foram acompanhadas de atentados aos princípios deontológicos, facto que contribuiu para uma degradação da imagem social dos jornalistas.

No entanto, o autor mostra que a profissão não assistiu passivamente a estas evoluções. Cada país administrou esta relação tensa entre pressão comercial e distância reflexiva de acordo com suas especificidades e dinamismo próprio frente às condições encontradas.

A intenção deste artigo é verificar se há uma preocupação com a epistemologia e a prática na construção do conhecimento do jornalista no ensino brasileiro, para capacitá-lo a atuar na sociedade globalizada e em rede, com profissionalismo.

O jornalismo é uma atividade intelectual e não tecnicista. As transformações sociais e o advento da tecnologia fazem parte do seu mundo de trabalho. Cabe ao jornalista entender a sociedade na qual atua, conhecer o perfil do público, e, também, utilizar e usufruir da tecnologia no seu exercício diário. Este contexto deve ser percebido pelo profissional, não como um mero acaso ou aparato técnico, mas sim fundamentado em conhecimento. Traquina (2005, p.190) define os jornalistas como uma comunidade transnacional, espalhada pelo mundo, que partilha uma “cultura



noticiosa comum”: “[...] Os dados empíricos apontam para o fato de que os jornalistas partilham, com variações de intensidade, um sistema de valores que fornece uma identidade clara do profissional, de tal modo que a tribo jornalística é transnacional”.

O processo de produção da notícia é o mesmo em qualquer localidade ou veículo e o compromisso do jornalista é para com o público. A sua função é tornar pública a informação. Entende-se por produção jornalística o processo descrito por Traquina (2005) que envolve desde a seleção dos acontecimentos até a construção final da notícia. Nestas etapas há um conceito chave para o jornalismo, o qual corresponde aos valores-notícia. O autor, fundamentado em Wolf, mostra que os valores-notícia estão presentes em todo o processo da produção jornalística.

Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois subgrupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta dos acontecimentos em termos de sua importância e interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funciona como linhas guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (TRAQUINA, 2005, p.78).

Em cada uma destas fases do processo há diferentes categorias de valores-notícia. Entre os critérios substantivos na seleção estão: notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito (controvérsia) e infração (escândalo). Entre os critérios contextuais, também na seleção, estão: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso. A construção envolve os seguintes valores-notícia: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância. Traquina (2005) acrescenta os valores-notícia segundo a concepção da empresa jornalística, a linha editorial do veículo e a própria organização jornalística da empresa referente à linha de produção.

Para Traquina (2005), embora o leque de valores-notícias seja muito amplo e o conteúdo das categorias possa mudar de acordo com o tempo, momento histórico e espaço (localidade), temas que envolvem catástrofes, fatos inusitados, guerra, violência, celebridade e morte se repetem ao longo da história do jornalismo. “O leque de valores-notícia é vasto; a paleta tem imensas cores. Mas como foi sublinhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, as diferenças mais evidentes escondem semelhanças profundas: os



produtos jornalísticos são “muito mais homogêneos do que se pensa” (TRAQUINA, 2005, p.95).

SIMBIOSE ENTRE EPISTEMOLOGIA E PRÁTICA

O jornalismo é uma simbiose entre forma e conteúdo. Não se caracteriza em uma relação dicotômica e sim complementar entre teoria e prática. Ele está intrinsecamente relacionado ao desempenho técnico, mas também ao compromisso ético e humanístico. Fidalgo (2008, p.11) mostra que no ato do fazer também se desenvolve um saber “a investigação pode nascer da própria prática e ser reclamada por ela”. O conhecimento também pode nascer do estudo da prática na busca de aprimorá-la ou conceituá-la. O autor argumenta sobre a importância da prática na aprendizagem do jornalismo, não apenas como um conjunto de técnicas mecânicas que reproduzem atividades passadas, mas como um “saber profissional” com dimensões reflexivas.

É nesta logística que pode ser pensado o processo de apuração da notícia. Uma informação mal apurada gera uma informação errada, que na sociedade em rede pode ter grandes repercussões, “[...] a disciplina de verificação é o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.114). No entanto, os autores mostram que os métodos de apuração e verificação da cultura jornalística foram aprendidos na prática e não são generalizados, nem sistemáticos. Eles não são transmitidos na escola ou nas redações pelos superiores.

Para Pereira Junior (2006, p.71) a apuração e a investigação da informação são o que diferenciam o jornalismo da literatura. “A notícia é construída no cuidado com a verificação, sobre o alicerce do levantamento de informações. Mas, como toda matéria é calcada em mediações e discursos (entrevistas, relatos, interpretações de documentos, provas e contraprovas) uma voz anularia a outra, caso não houvesse evidência ‘consistente’”.

A notícia não espelha a realidade. Ela é uma construção da realidade. A apuração implica na verificação dos fatos, o que não significa objetividade ou a busca da verdade cartesiana. A realidade não é a matriz da notícia e sim sua percepção. O jornalista é um contador de histórias reais e ele depende de interlocutores, “produtores” de informação, que auxiliam na construção desta realidade. Para que a construção da realidade torne-se o mais próximo possível do que realmente aconteceu, o jornalista



deve seguir alguns procedimentos nos processo de apuração da informação, que devem ser sistemáticos e com fundamento.

Um dos objetivos do plano de ação é buscar, o quanto for possível, o equilíbrio e a isenção da cobertura da notícia, estabelecendo uma sistematização para o processo de apuração. A isenção e o equilíbrio passam a ser vistos como técnicas, ou recursos, para contribuir com os jornalistas no desenvolvimento e verificação das notícias (KOVACH; ROSENTIEL, 2004). É válido lembrar que o jornalista, segundo a perspectiva da representação social, também está inserido na sociedade e é formado por valores e representações sociais, que mesmo inconscientes, são reproduzidas no exercício diário da profissão.

Para Bourdieu (1989), a história do indivíduo é a especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe; ele pode ter marcas particulares, mas se remete ao estilo comum de seu grupo, movido tanto pela conformidade como também, pela diferença que constitui todo o "modo". Para ele, o poder simbólico está presente em todas as sociedades e situações sociais, ele é invisível e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos, mesmo não querendo, e dos que o exercem. “[...] o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma *illocutionary force*, mas que se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura de campo em que se produz e se reproduz a crença” (BOURDIEU, 1989, p.11).

Uma forma de amenizar a “angulação do repórter” apontada por Kovach; Rosenstiel (2004) é a transparência para com o leitor sobre o trajeto percorrido pelo repórter para construir a notícia. O interessante é informar as condições da fonte, pois isto possibilita ao leitor uma melhor interpretação do relato e uma maior compreensão de como a notícia foi construída.

O processo de apuração demanda tempo. Tempo esse visto pelas empresas de comunicação como um alto custo. A Internet, rede telemática internacional que une computadores de particulares, organizações de pesquisa, institutos de cultura, institutos militares, bibliotecas e corporações de todos os tamanhos, facilitou o acesso aos dados e tornou-se uma ferramenta muito utilizada no jornalismo. Por outro lado, ela é um facilitador da prática do mau jornalismo, pontualmente na fase da apuração.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA



Na literatura internacional, o alemão Tobias Peucer discutiu o jornalismo como conhecimento em 1690, na sua tese “Os relatos jornalísticos”, defendida na Universidade de Leipzig. Ele comparou o relato jornalístico com o relato histórico, a partir das categorias filosóficas do singular, particular e universal. Peucer também discutiu aspectos atuais como o conceito de noticiabilidade, a ética profissional, a mercantilização da informação e a relação com as fontes (PEUCER, 2004).

Na primeira metade do século XX, outro teórico alemão, Otto Groth, defendeu o reconhecimento da “ciência jornalística”, quando revelou que o exercício diário do jornalismo exige uma metodologia científica no desenvolvimento de uma reportagem, passos que se repetem independente da sociedade e da sua cultura específica. O jornalismo utiliza veículos que materializam idéias, com vida e destinos próprios, usufruindo de uma estrutura e recursos humanos. O que muda é o conhecimento produzido pelo jornalismo e não as características dessa atividade: periodicidade, atualidade, universalidade e difusão (ROCHA; SOUSA, 2008).

Luiz Beltrão foi um dos primeiros jornalistas brasileiros a defender o conhecimento teórico para o exercício da profissão, na década de 60, após anos atuando na prática. Ele criou o curso de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco. Beltrão pensava o Jornalismo como difusor de conhecimento (MARQUES DE MELO, 2006).

Genro Filho (1987), jornalista brasileiro, defendeu uma teoria para o jornalismo, fundamentada em uma ciência própria. O autor fez uma revisão das abordagens teóricas (funcionalismo, indústria cultural, marxismo) e práticas do jornalismo, focando os limites das teorias propostas, as quais ilustravam apenas as técnicas dessa atividade e a falta de uma reflexão por parte dos profissionais sobre o exercício diário da profissão. Nesta dualidade, o maior prejudicado era o próprio jornalista. Genro Filho (1987, p.3) propõe ao jornalismo um papel revolucionário: “o de ser uma forma de conhecimento que, embora historicamente condicionada pelo capitalismo, apresenta potencialidades que ultrapassam esse modo de produção”. Ele procurou mostrar que o jornalismo é uma forma de conhecimento com base na indústria moderna, mas também faz parte da relação entre os seres humanos e, assim, pode estar presente em qualquer sociedade futura, independente do seu modo de produção.

O ensino do jornalismo na sociedade da informação foi discutido por Meditsch (2007). O autor mostra que existem pelo menos quatro séculos de trabalho intelectual do



jornalista com a informação. Neste período, o profissional desenvolveu métodos, técnicas e deontologia para o processo de produção da notícia.

Meditich (2007) aponta que o Brasil seguiu algumas tendências americanas, como a transformação em cursos de Comunicação Social e a formação do profissional polivalente. Estas tendências tiveram o apoio das empresas de comunicação e também da academia, que buscavam reduzir custos, principalmente do ensino particular. A boa formação do jornalista e sua independência não são vistas com bons olhos, principalmente pelas empresas de comunicação.

Há um movimento pelo renascimento do jornalismo na academia preocupado em formar um bom profissional e pela FENAJ, com apoio no programa de qualidade de ensino. Formaram-se grupos de pesquisa que estudam o jornalismo e suas interfaces (INTERCOM, ALAIC, SBPJor, FNPJ⁴) e surgiram publicações de revistas acadêmicas aprimorando e fomentando as discussões (MEDITSCH, 2007).

O governo também criou mecanismos para garantir a qualidade de ensino dos cursos. Em 2001, o Ministério da Educação, por meio do Conselho Nacional de Educação publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais de vários cursos entre eles, os cursos de Comunicação Social. O texto informa que o perfil do egresso tem que ser capacitado a atuar em diferentes veículos e funções, entender os processos sociais e “utilizar criticamente o instrumental teórico-prático oferecido em seu curso”, entre outros aspectos. O tópico que trata especificamente do perfil do egresso do curso de jornalismo diz que o discente tem que ser preparado para produzir informações, exercer as funções do jornalismo bem como fazer interface com áreas relacionadas ao jornalismo, no campo econômico, social e cultural. Quanto à competência e habilidade em jornalismo, o texto delimita as práticas da profissão como formulação da pauta, entrevista, relacionamento com fontes, desenvolvimento de trabalho em equipe e de processos de produção jornalística, compromisso com a cidadania no exercício da profissão, entre outros. O interessante é a preocupação em incluir a prática dentro do Projeto Pedagógico, espelhando assim a importância da atividade prática na formação dos jornalistas (ROCHA; SOUSA, 2008).

A discussão sobre a formação em jornalismo sofreu repercussões em 2009. Em 17 de junho deste ano, o Supremo Tribunal Federal votou pelo fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo. Entidades representativas da categoria e

⁴ INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação); SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo); ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación); FNPJ (Fórum Nacional de Professores de Jornalismo).



instituições de ensino se mobilizaram contra a decisão. A discussão ainda permanece no âmbito federal. Ainda neste mesmo ano, o MEC, juntamente com uma comissão constituída pela Secretaria de Educação Superior (SESU), analisou as diretrizes curriculares do curso de comunicação. A comissão foi presidida pelo professor José Marques de Melo e no final do mesmo ano apresentou um parecer sobre as reformulações necessárias na formação do profissional jornalista. Entre as considerações apresentadas está a volta do estágio e uma revisão das disciplinas teóricas no campo das ciências humanas. As discussões mostram que ainda não há um consenso entre pragmáticos e teóricos sobre o jornalismo enquanto conhecimento, bem como sua atualidade e relevância.

As instituições de ensino vêm acompanhando estas discussões e transpondo para o plano pedagógico dos cursos de jornalismo atividades de extensão e projetos laboratoriais. O que se percebe, de maneira geral, é que não há uma sintonia entre a academia e o exercício da profissão, é como se fossem duas esferas independentes: os pragmáticos e os teóricos. Este distanciamento deve ser rompido por meio de um diálogo maior. Uma das metas, como aponta Meditsch (2007, p.58) é “construir teorias e metodologias próprias para sistematizar, criticar (por dentro) e aperfeiçoar as competências (conhecimentos, habilidades, atitudes) da prática”.

A PRÁTICA JORNALÍSTICA NA UEPG

É importante que cursos de jornalismo no Brasil, como prevê as diretrizes pedagógicas, reservem cada vez mais espaço à prática jornalística, tendo em vista que neste campo os alunos são impedidos de fazer estágio, por força da legislação. Em razão disso, algumas instituições de ensino tem proporcionado aos acadêmicos a oportunidade de participarem de projetos de extensão em que a dinâmica do trabalho tem como foco a constante atividade prática e teórica.

Na Universidade Estadual de Ponta Grossa há vários projetos que possibilitam aos estudantes o exercício da prática, a produzir jornalisticamente. Ou seja, colocar em prática os fundamentos, as teorias e as técnicas da profissão ensinadas em sala de aula. Dentre os vários projetos do curso está a Agência de Jornalismo, sob a coordenação do professor Sérgio Luiz Gadini, o Portal Comunitário, o Jornal Laboratório, o Grupo de Estudos em Fotografia, o projetos de fotografia Lente Quente e Fotorreportagem UEPG,



bem como os trabalhos e programas extra-curriculares na área de rádio e radiojornalismo.

A agência, além de disponibilizar para a sociedade um site e blog informativo, produz codidianamente uma série de atividades jornalísticas. Neste espaço, que compreende uma das várias opções de prática oferecida pelo curso, o aluno é acompanhado de perto por um grupo de professores. E, o mais interessante, é que aquilo que o acadêmico aprende teoricamente em sala de aula, coloca em prática no setor, sob orientação de docentes e, como o tempo, passam a adquirir novas experiências e agilidade na produção de peças jornalísticas.

A PRODUÇÃO

A agência de Jornalismo existe desde o segundo semestre de 2003 e destaca-se pelos serviços prestados à comunidade, atendendo preferencialmente entidades sem fins lucrativos. Neste setor são realizados importantes trabalhos como, por exemplo, a produção da revista científica internacional *Folkcomunicação*, vídeos institucionais, cobertura de eventos culturais e científicos (Jornada Beltraniana, Semana de Comunicação e Seminário de Inverno), produção de peças jornalísticas e documentários para entidades e movimentos sociais, além de notícias para a imprensa, sites e blogs jornalísticos.

Neste ano, até o momento da produção deste artigo, participaram dos trabalhos na agência em torno de 30 alunos voluntários, incluindo quatro bolsistas do setor. Em função da demanda por serviços na agência, tanto de setores da UEPG, como de entidades externas, o setor abre a oportunidade para qualquer aluno do curso interessado em se envolver nos projetos e nas atividades jornalísticas pré-programadas.

Na opinião de alunos envolvidos na agência, há oportunidade de aprender e praticar antes mesmo do ingresso ao mercado de trabalho. Uma das alunas que ingressou na agência este ano, Liandra Christhina Moraski Cordeiro, acadêmica do terceiro ano, observa que no setor é possível se envolver em várias tarefas o que contribui para a valorização do currículo pessoal. “Na Agência de Jornalismo eu tenho contato com todo tipo de produção jornalística. Produzo releases para os eventos [...], faço vídeos e edição, tiro fotos, mantenho contato com a mídia e atualizo o site da agência.” Explica que no primeiro semestre trabalhou na edição e publicação da 15ª edição da *Revista Internacional de Folkcomunicação* e, mais recentemente, se envolveu



na produção do programa televisivo *Ade*, sob orientação dos professores Carlos Alberto de Souza e Paula Melani Rocha.

Liandra, natural de Francisco Beltrão, explica que também aprendeu a mexer com sistema HTML para a atualização do site da unidade e com o sistema de editoração de revista (SEER) para a edição e publicação da revista de Folkcomunicação. Tudo isso, na sua opinião, é importante. Agora, ela salienta, “consigo produzir material jornalístico com mais rapidez e tenho maior contato com a prática”.

Liandra, a exemplo de outros alunos que integram a agência, considera que teoria é importante, “mas não ensina a prática para ninguém”. Por mais que se tente aproximar uma coisa da outra, é fazendo que os alunos experimentem novas formas de produção e desenvolver a agilidade (tão cobrada na produção jornalística). E, conclui: “sem fazer a prática é impossível aprender jornalismo totalmente.”

Outro aluno que compartilha das opiniões de Liandra é Cleberson Carlos Facchi. Ele já se envolveu em vários projetos de extensão no Curso de Jornalismo da UEPG e também na Agência de Jornalismo, como por exemplo, o Projeto de Radiojornalismo, o Grupo de Interatividade ligado ao Portal Comunitário, o Blog Crítica de Ponta; organização de diversos eventos do curso de jornalismo e também trabalhou com o projeto experimental de Tele (Ade!).

Natural de São Jorge D’Oeste, Paraná, Facchi vê como positiva as atividades de extensão que tem por finalidade o aprimoramento da formação acadêmica, “pois me permite estar integrado ao desenvolvimento de ações e eventos voltado ao curso de jornalismo, estimulando a produção textual e fomentando meu networking”.

Para ele, a universidade precisa contratar funcionários especializados, principalmente para as áreas de telejornalismo e radiojornalismo, que são carências do curso de Jornalismo da UEPG. Diz também que o acesso a equipamentos precisa ser melhorado, bem como ampliado os projetos de extensão na área de TV e Rádio. Quanto ao trabalho na agência, observa que “todas as atividades estimulam meu desenvolvimento tanto na relação com entidades como na prática da profissão”.

Os professores também têm opinião formada a respeito da importância das atividades de extensão no Curso de Jornalismo da UEPG e na Agência de Jornalismo

Karina Janz Woitowicz é Chefe de Departamento do curso de Comunicação Social da UEPG e desde 2003 participa da Agência de Jornalismo. Segundo a professora, a agência foi criada para atender as solicitações de trabalhos jornalísticos internos e externos à universidade bem como para dar conta da constante falta de prática



do jornalismo imposta pela própria estrutura curricular. “A agência contribui na formação do profissional atendendo as demandas voltadas a diferentes suportes de mídia, como produção de textos, vídeos, organização, cobertura de eventos, entre outros. Ela dá uma grande contribuição ao curso porque possibilita aos alunos a vivência prática do jornalismo”. Para Karina, com certeza “o fazer jornalismo só se fundamenta numa reflexão sobre o fazer. Esta é uma orientação das próprias diretrizes que conta de uma formação ética, teórica e técnica.”

O coordenador da Agência Sergio Luiz Gadini define como: "um projeto de extensão que materializa o contato de estudantes de jornalismo com demandas sociais públicas de informação a partir da solicitação de entidades sem fins lucrativos. Desta forma, os estudantes tem um contato com a realidade social da cidade e da região".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proibição do estágio em empresas de comunicação e de jornalismo, pode-se destacar que o papel das atividades práticas em projetos de extensão desenvolvidos nos cursos de jornalismo é de fundamental importância para o acadêmico. Além do conhecimento teórico e da profissão, o aluno quer sair da universidade em condições de ingressar no mercado de trabalho. Para isso, é fundamental que as universidades contribuam na formação, ofertando a comunidade acadêmica programas deste tipo. No Curso de Jornalismo da UEPG, de Ponta Grossa, além das atividades de ensino e pesquisa, que também é forte no curso, os estudantes podem contar atualmente com sete projetos de extensão nas áreas de televisão, jornalismo impresso, rádio, fotografia, webjornalismo. Além disso, todos têm que se envolver obrigatoriamente na produção Foca Livre, jornal laboratorial do Curso e na Revista Laboratorial Nutiare. Nestes periódicos, eles assumem todas as funções a área impressa – entrevista, redação, diagramação, edição, produção de editoriais e de fotografia.

Ao final dos quatro anos de Jornalismo da UEPG, os acadêmicos saem com uma boa base teórica e prática para enfrentar o concorrente mercado de comunicação que esta cada vez mais seletivo e a procura dos melhores profissionais. Por isso, os professores da instituição têm investido em projetos de extensão. O mais recente criado na universidade, abrangendo a área televisiva, foi o ADE. Nele, como já pode ser visto,



os alunos experimentam todas as fases de uma produção televisiva. O programa é semanalmente transmitido pela TV Comunitária de Ponta Grossa.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CHAPARRO, Carlos. De como a ciência pode ajudar a notícia. **Midiagem**: Assessoria de Imprensa. Disponível: www.midiagem.com/assessoria/nota2.htm. Acesso em março de 2006.
- DEUZE, Mark. **What is journalism?** Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, v.6, p.442-464. 2005.
- DONSBACH, Wolfgang. The identity of communication research. **Journal of communication**, v.56, n.3, setembro/2006, p.437-448. 2005.
- FIDALGO, Joaquim. **Jornalistas e saberes profissionais**. Trabalho apresentado no I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0452-1.pdf>
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987.
- MARQUES DE MELO, José; BRITTES, Juçara Gorski (orgs.). **A trajetória comunicacional de Luiz Ramiro Beltrán**. São Bernardo do Campo: Editora UESP, 1998.
- MARQUES DE MELO, José. **Teoria do Jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Editora Paulus, 2006.
- MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Mídia & Jornalismo**, Vol.1, p.9-22, 2002.
- MOREIRA, Walter. Os colégios virtuais e a nova configuração da comunidade científica. **Ci. Inf.**, Brasília, Vol. 34, n.1, p.57-63, Jan/Abr., 2005.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. Portugal: Porto Editora Ltda., 2005.
- PARK, Robert. A notícia como conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. Trad. Brás. **Steinberg, C.**, Meios de Comunicação de Massa, São Paulo, Cutrix, 1940.



PEUCER, Tobias. Os relatos Jornalísticos, Tradução Paulo da Rocha Dias, **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, Editora Insular, 2004, Vol. I. Nº2, p.13-30.

ROCHA, Paula Melani e SOUSA, Jorge Pedro de. **Rumos do Jornalismo na Sociedade Digital: Brasil e Portugal**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008. 172p. (pos-doutorado). Programa de Pós-doutoramento em Jornalismo da Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular. 2005a. Vol.I.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular. 2005b. Vol. II.
